

AUGUSTE COMTE E O POSITIVISMO

John Stuart Mill (1865)

Ann Harbor: University of Michigan Press, 1961.

Tradução, assistida por computador, de Osvaldo Pessoa Jr., para a disciplina
Filosofia e História da Ciência Moderna (FLF0449), Depto. de Filosofia, USP, 2025.

PARTE I: O *COURS DE PHILOSOPHIE POSITIVE*

Por algum tempo, muito tem se falado, na Inglaterra e no continente, sobre o “Positivismo” e a “Filosofia Positiva”. Essas frases, que durante a vida do eminente pensador [Comte, 1798-1857] que as introduziu não haviam entrado em nenhum escrito ou discussão, exceto nas de seus poucos discípulos diretos, emergiram das profundezas e passaram a se manifestar na superfície da filosofia da presente época. Poucos sabem o que elas representam, mas entende-se que elas representam algo. Eles são símbolos de um modo reconhecido de pensamento, que tem importância suficiente para induzir quase todos os que agora discutem os grandes problemas da filosofia, ou examinam de qualquer ponto de vista elevado as opiniões da presente época, a levarem em consideração séria o que é chamado de visão Positivista das coisas [2] e definir sua própria posição, mais ou menos amigável ou hostil, em relação a ela. De fato, embora o modo de pensamento expresso pelos termos Positivo e Positivismo seja amplamente difundido, as próprias palavras são, como de costume, mais conhecidas pelos inimigos desse modo de pensar do que por seus amigos; e mais de um pensador que nunca chamou a si mesmo ou a suas opiniões por essas denominações, e cuidadosamente se protegeu para não ser confundido com aqueles que o faziam, encontra-se, às vezes para seu desgosto, embora geralmente por um instinto toleravelmente correto, classificado com os Positivistas e atacado como Positivista. Essa mudança na orientação da opinião filosófica começou na Inglaterra mais cedo do que na França, onde uma filosofia de tipo contrário havia sido mais amplamente cultivada e se apoderara mais firmemente das mentes especulativas de uma geração formada por Royer-Collard, Cousin, Jouffroy e seus pares. O grande tratado de M. [Monsieur] Comte quase não foi mencionado na literatura ou crítica francesas, quando já estava trabalhando poderosamente nas mentes de muitos estudantes e pensadores britânicos. Mas, de acordo com o curso normal das coisas na França, a nova tendência, quando se instalou, se instalou com mais força. Aqueles que se autodenominam Positivistas não são de fato numerosos; mas todos os escritores franceses que aderem à filosofia comum agora sentem a necessidade de começar fortalecendo sua posição contra a escola positivista. E o modo de pensar assim designado já está manifestando sua importância por um dos sinais mais inequívocos, [3] o aparecimento de pensadores que tentam um compromisso ou *juste milieu* entre ele e seu oposto. O crítico agudo e metafísico M. Taine, e o renomado químico M. Berthelot, são os autores das duas mais notáveis dessas tentativas.

Portanto, parece ter chegado o momento em que todo pensador filosófico não apenas deve formar, mas pode exprimir de forma útil um juízo a respeito desse movimento intelectual; esforçando-se para entender o que ele é, se é essencialmente um movimento salutar e, em caso afirmativo, o que deve ser aceito e o que deve ser rejeitado da direção dada a ele por seus impulsionadores mais importantes. Não pode haver um modo mais apropriado de discutir esses pontos do que na forma de um exame crítico da

filosofia de Auguste Comte; para o qual o aparecimento de uma nova edição de seu tratado fundamental, com um prefácio do mais eminente, em todos os sentidos, de seus discípulos professores, M. Littré, oferece uma boa oportunidade. O nome de M. Comte é mais identificado do que qualquer outro com esse modo de pensamento. Ele é o primeiro que tentou sua sistematização completa e sua extensão científica a todos os objetos do conhecimento humano. E ao fazer isso, ele demonstrou uma quantidade e qualidade de poder mental, e alcançou tamanho sucesso, que não apenas conquistou, mas manteve a alta admiração de pensadores tão radical e vigorosamente opostos quanto possível, a quase todas as suas tendências posteriores e a muitas de suas opiniões anteriores. Teria sido um erro se tais pensadores tivessem se ocupado em primeira instância [4] em chamar atenção para o que consideravam erros em sua grande obra. Até que ela ocupasse o lugar no mundo do pensamento que lhe pertencia, o importante não era criticá-la, mas ajudar a torná-la conhecida. Ter colocado aqueles, que não conheciam nem eram capazes de apreciar a grandeza do livro, de posse de seus pontos vulneráveis, teria retardado indefinidamente seu progresso a uma avaliação justa e não seria necessário para se proteger contra qualquer inconveniente sério. Enquanto um escritor tem poucos leitores e nenhuma influência, exceto sobre pensadores independentes, a única coisa que vale a pena considerar nele é o que ele pode nos ensinar: se houver algo em que ele seja menos sábio do que já somos, isso pode passar despercebido até que chegue o momento em que seus erros possam causar danos. Mas o alto lugar que o M. Comte agora assumiu entre os pensadores europeus, e a crescente influência de sua obra principal, ao mesmo tempo em que tornam uma tarefa mais esperançosa do que antes impressionar e reforçar os pontos fortes de sua filosofia, fazem ser, pela primeira vez, oportuno discutir seus erros. Quaisquer que sejam os erros em que possa ter caído, estão agora em posição de serem prejudiciais, enquanto a livre exposição deles não pode mais sê-lo.

Propomos, então, passar em revista os princípios fundamentais da filosofia de M. Comte; começando com o grande tratado pelo qual, neste país, ele é principalmente conhecido, e adiando a consideração dos escritos dos últimos dez anos de sua vida, exceto pela ilustração ocasional de pontos separados. Quando estendermos nosso exame a essas produções posteriores [5], teremos, em geral, que reverter nosso julgamento. Em vez de reconhecer, como no *Cours de Philosophie Positive*, uma visão essencialmente sensata da filosofia, com alguns poucos erros importantes, consideramos as especulações subsequentes como falsas e enganosas em seu caráter geral, ao passo que em meio a essa tendência geral errada, encontramos nos detalhes um monte de pensamentos e sugestões de pensamento valiosos. Por hora, deixaremos de lado essa anomalia na carreira intelectual de M. Comte. Consideraremos apenas o principal presente que ele deixou ao mundo, sua exposição clara, completa e abrangente, e em parte a criação, do que ele chama de Filosofia Positiva: esforçando-se para separar o que em nossa opinião é verdadeiro, do muito menos que é errôneo, naquela filosofia como ele a concebeu, e distinguindo, à medida que prosseguimos, a parte que é especialmente sua, daquela que pertence à filosofia da época, e é a herança comum dos pensadores. Esta última discriminação foi parcialmente feita em um panfleto tardio, por Mr. Herbert Spencer*, em defesa de sua própria independência de pensamento: mas isso não diminui a utilidade de fazê-lo, com um propósito menos limitado, aqui; especialmente porque Mr. Spencer rejeita quase tudo o que pertence propriamente a M. Comte e, em seu modo abreviado de declaração, faz pouca justiça ao que rejeita. A separação não é difícil, mesmo com base na evidência direta dada pelo próprio M. Comte, que, longe de reivindicar qualquer originalidade que não lhe pertencesse realmente, estava ansioso para conectar seus

* Spencer, H. (1864). *The Classification of the Sciences to which are added Reasons for Dissenting from the Philosophy of M. Comte*. New York. [Nota do tradutor]

próprios pensamentos mais originais [6] com todos os germes de qualquer coisa semelhante que ele observara em pensadores anteriores.

A doutrina fundamental de uma verdadeira filosofia, de acordo com M. Comte, e o caráter pelo qual ele define a Filosofia Positiva, é a seguinte: – Não temos conhecimento de nada além de fenômenos; e nosso conhecimento de fenômenos é relativo, não absoluto. Não conhecemos a essência, nem o modo real de produção, de qualquer fato, mas apenas suas relações com outros fatos no sentido da sucessão ou da semelhança. Essas relações são constantes; isto é, sempre o mesmo nas mesmas circunstâncias. As semelhanças constantes que ligam os fenômenos e as sequências constantes que os unem como antecedentes e consequentes são denominadas suas leis. As leis dos fenômenos são tudo o que sabemos a respeito delas. Sua natureza essencial e suas causas últimas, eficientes ou finais, são desconhecidas e inescrutáveis para nós.

M. Comte não reivindica nenhuma originalidade para essa concepção do conhecimento humano. Ele admite que ela foi virtualmente posta em prática desde o período mais antigo por todos os que fizeram qualquer contribuição real para a ciência, e tornou-se distintamente presente nas mentes dos homens especulativos desde a época de Bacon, Descartes e Galileu, a quem ele considera coletivamente os fundadores da Filosofia Positiva. Como ele diz, o conhecimento que a humanidade, mesmo nas primeiras épocas, perseguia principalmente, sendo o que eles mais precisavam, era a *presciência* [*foreknowledge*]: “savoir, pour prévoir” [saber para prever]. Quando procuravam a causa, era principalmente para controlar o efeito, [7] ou, se fosse incontrolável, para conhecer de antemão [*foreknow*] e adaptar sua conduta a ele. Ora, toda previsão [*foresight*] de fenômenos e poder sobre eles dependem do conhecimento de suas sequências, e não de qualquer noção que possamos ter formado a respeito de sua origem ou natureza mais íntima. Antevemos [*We foresee*] um fato ou evento por meio de fatos que são sinais dele, porque a experiência mostrou que eles são seus antecedentes. Provocamos qualquer fato [E], que não seja nossas próprias contrações musculares, por meio de algum fato [C] que a experiência mostrou ser seguido por ele [E]. Toda previsão [*foresight*], portanto, e toda ação inteligente, só foram possíveis na proporção em que os homens tentaram com sucesso determinar as sucessões de fenômenos. Nem a presciência, nem o conhecimento que é poder prático, podem ser adquiridos por qualquer outro meio.

A convicção, no entanto, de que o conhecimento das sucessões e coexistência de fenômenos é o único conhecimento acessível a nós, não poderia ter sido alcançada em um estágio muito inicial do progresso do pensamento. Os homens nem mesmo hoje deixaram de ter esperança de obter outro conhecimento, nem de acreditar que o alcançaram; e que, quando alcançado, seria, de alguma maneira indefinível, muito mais precioso do que o mero conhecimento de sequências e coexistências. A verdadeira doutrina não foi vista em toda a sua clareza nem mesmo por Bacon, embora seja o resultado para o qual todas as suas especulações tendem; e menos ainda por Descartes. Foi, no entanto, apreendida com considerável correção por Newton.[†] Mas provavelmente foi concebida pela primeira vez em toda a sua [8] generalidade por Hume, que a leva um passo além de Comte, sustentando não apenas que as únicas causas de fenômenos que podem ser conhecidas por nós são outros fenômenos, seus antecedentes invariáveis, mas que não há outro tipo de causas: causa, como ele a interpreta, *significa* o antecedente invariável. Esta é a única parte da doutrina de Hume que foi contestada por seu grande adversário, Kant; que, sustentando tão vigorosamente quanto Comte que nada sabemos das Coisas em si, de Númenos, de Substâncias reais e Causas reais, mesmo assim afirmou peremptoriamente

[†] Veja o capítulo sobre causas eficientes [Ensaio I, cap. VI, “Das causas eficientes dos fenômenos da natureza”] em *Ensaio sobre os poderes ativos [da mente humana]* de Reid [1788], que é declaradamente fundamentado nas ideias de Newton.

sua existência. Mas Comte também não contesta isso [concordando com Hume]: pelo contrário, toda a sua linguagem implica isso. Entre os sucessores diretos de Hume, o escritor que melhor declarou e defendeu a doutrina fundamental de Comte é o Dr. Thomas Brown. A doutrina e o espírito da filosofia de Brown são inteiramente Positivistas, e ainda não foi produzida nenhuma melhor introdução ao Positivismo do que a primeira parte de seus *Lectures*. De pensadores vivos não falamos; mas a mesma grande verdade formou a base de toda a filosofia especulativa de Bentham, e preeminentemente de James Mill; e a famosa doutrina de Sir William Hamilton sobre a Relatividade do conhecimento humano guiou muitos a ela, embora não possamos creditar o próprio Sir William Hamilton por ter entendido o princípio, ou estar disposto a concordar com ele se tivesse.

O fundamento da filosofia de M. Comte não é, portanto, de forma alguma peculiar a ele, mas a propriedade geral da época, embora ainda longe de ser universalmente aceita até mesmo por mentes ponderadas. A filosofia chamada Positivo não é uma invenção recente [9] de M. Comte, mas uma simples adesão às tradições de todas as grandes mentes científicas cujas descobertas fizeram da raça humana o que ela é. M. Comte nunca o apresentou sob outra luz. Mas ele tornou a doutrina sua por sua maneira de tratá-la. Para saber corretamente o que é uma coisa, precisamos saber, com igual clareza, o que ela não é. Para entrar no caráter real de qualquer modo de pensamento, devemos entender quais outros modos de pensamento competem com ele. M. Comte cuidou para que o fizéssemos. Os modos de filosofar que, segundo ele, disputam ascendência com o Positivo são dois em número, ambos anteriores a ele em data: o teológico e o metafísico.

Usamos as palavras Teológico, Metafísico e Positivo, porque elas são escolhidas por M. Comte como um veículo para as ideias de M. Comte. Qualquer filósofo, cujos pensamentos outra pessoa se comprometa a expor, tem o direito de exigir que isso seja feito por meio de sua própria nomenclatura. Eles não são, no entanto, os termos que devemos escolher. Em todas as línguas, mas especialmente em inglês, eles estimulam ideias diferentes das pretendidas. As palavras Positivo e Positivismo, no significado que lhes é atribuído, são inadequadas para criar raízes em solo inglês; enquanto Metafísico sugere, e sugeriu até mesmo a M. Comte, muito que de forma alguma merece ser incluído em sua denúncia. O termo Teológico está menos longe da marca, embora o uso dele como um termo de condenação implique, como veremos, um alcance maior de negação do que precisaria ser incluído no credo Positivo. [10] Em vez de Teológico, devemos preferir falar da explicação Pessoal ou Volicional [*Volitional*] dos fatos; em vez de Metafísico, o Abstracional [*Abstractional*] ou Ontológico; e o significado de Positivo seria expresso de forma menos ambígua no aspecto objetivo por Fenomênico [*Phænomenal*], e no subjetivo por Experiencial. Mas as opiniões de M. Comte são melhor expressas em sua própria fraseologia; vários delas, de fato, dificilmente podem ser apresentadas em seus fundamentos sem ela.

O Teológico, que é a forma original e espontânea do pensamento, considera os fatos do universo como governados não por leis invariáveis de sequência, mas por volições únicas e diretas de seres, reais ou imaginários, possuidores de vida e de inteligência. No estado infantil da razão e da experiência, os objetos individuais são vistos como animados. O próximo passo é a concepção de seres invisíveis, cada um dos quais superintende e governa toda uma classe de objetos ou eventos. O último funde essa multidão de divindades em um único Deus, que fez todo o universo no início, e que guia e leva adiante seus fenômenos por sua ação contínua, ou, como outros pensam, apenas os modifica de tempos em tempos por interferências especiais.

O modo de pensamento que M. Comte chama de Metafísico dá conta dos fenômenos ao atribuí-los, não a volições sublunares ou celestes, mas a abstrações realizadas. Nesse estágio, não é mais um deus que causa e dirige cada uma das várias

agências da natureza: é um poder, ou uma força, ou uma qualidade oculta, considerados como existências reais, inerentes mas distintos dos [11] corpos concretos em que residem, e os quais de certa forma animam. Em vez de Dríades presidindo as árvores, produzindo e regulando seus fenômenos, cada planta ou animal tem agora uma Alma Vegetativa, a *θρεπτική ψυχή* [*treptike psyche*] de Aristóteles. Em um período posterior, a Alma Vegetativa tornou-se uma Força Plástica e, mais tarde ainda, um Princípio Vital. Os objetos agora fazem tudo o que fazem porque seria de sua Essência fazê-lo, ou em razão de uma Virtude inerente. Dá-se conta dos fenômenos por supostas tendências e propensões da abstração Natureza; que, embora considerada impessoal, é imaginada como agindo por uma espécie de motivos, e de uma maneira mais ou menos análoga à dos seres conscientes. Aristóteles afirma uma tendência da natureza para o melhor, o que o ajuda a uma teoria de muitos fenômenos naturais. A elevação da água em uma bomba é atribuída ao horror da Natureza ao vácuo. A queda de corpos pesados e a ascensão de chamas e fumaça são interpretadas como tentativas de cada um de chegar ao seu *lugar natural*. Muitas consequências importantes são deduzidas da doutrina de que a Natureza não tem quebras [*breaks*] (*non habet saltum*). Na medicina, a força curativa (*vis medicatrix*) da Natureza fornece a explicação dos processos reparadores que os fisiologistas modernos referem às próprias agências e leis particulares de cada um.

Não são necessários exemplos para provar, àqueles que estão familiarizados com as fases passadas do pensamento humano, quão grande é o lugar que as interpretações teológicas e metafísicas dos fenômenos historicamente ocuparam, tanto nas especulações [12] dos pensadores quanto nas concepções familiares da multidão. Muitos haviam percebido antes de M. Comte que nenhum desses modos de explicação era definitivo: a guerra contra ambos dificilmente poderia ser travada com mais vigor do que já fora, no início do século XVII, por [Thomas] Hobbes. Tampouco é desconhecido, para qualquer um que tenha seguido a história das várias ciências físicas, que a explicação positiva dos fatos substituiu, passo a passo, a teológica e metafísica, à medida que o progresso da investigação trouxe à luz um número crescente das leis invariáveis de fenômenos. Nesses aspectos, M. Comte não originou nada, mas tomou seu lugar em uma luta há muito travada, e do lado já vitorioso em sua maior parte. A generalização que pertence a ele mesmo, e na qual ele não foi, até onde sabemos, antecipado, é que toda classe distinta de concepções humanas passa por todos esses estágios, começando com o teológico e prosseguindo pelo metafísico para o positivo: o metafísico sendo um mero estado de transição, mas indispensável, do modo teológico de pensamento ao positivo, que está destinado a prevalecer no final, pelo reconhecimento universal de que todos os fenômenos, sem exceção, são governados por leis invariáveis, com as quais nenhuma volição, natural ou sobrenatural, interfere. Este teorema geral é completado pela adição de que o modo teológico de pensamento tem três estágios, Fetichismo, Politeísmo e Monoteísmo: as [13] transições sucessivas sendo preparadas, e de fato causadas, pelo surgimento gradual dos dois modos rivais de pensamento, o metafísico e o positivo, e por sua vez preparando o caminho para a ascensão destes; primeiro e temporariamente do metafísico, e finalmente do positivo.

Essa generalização é a mais fundamental das doutrinas que se originaram com M. Comte; e o exame da história, que ocupa os dois maiores volumes dos seis que compõem sua obra, é uma contínua exemplificação e verificação da lei. Quão bem ele está de acordo com os fatos, e quão vasto é o número de fenômenos históricos maiores que ele explica, é conhecido apenas por aqueles que estudaram sua exposição, nos lugares em que podem ser encontrados – nesses volumes mais impressionantes e instrutivos. Essa teoria é a chave para as outras generalizações de M. Comte, todas mais ou menos dependentes dela; pois forma a espinha dorsal, por assim dizer, de sua filosofia e, a menos que seja verdade,

ele pouco realizou. Assim, não podemos empregar melhor parte de nosso espaço do que para limpar essa teoria de equívocos e dar as explicações necessárias para remover os obstáculos que impedem muitas pessoas competentes de concordar com ela. É apropriado começar aliviando a doutrina de um preconceito religioso. A doutrina condena todas as explicações teológicas e as substitui, ou pensa que estão destinadas a serem substituídas, por teorias que não levam em conta nada além de uma ordem determinada de fenômeno. Infere-se que, se essa mudança fosse completamente realizada, [14] a humanidade deixaria de referir a constituição da Natureza a uma vontade inteligente, ou de acreditar em um Criador e Governador supremo do mundo. Essa suposição é a mais natural, e M. Comte era declaradamente dessa opinião. Ele de fato negou, com alguma acrimônia, o ateísmo dogmático, e até diz (em um trabalho posterior, mas o mais antigo não contém nada em desacordo com ele) que a hipótese do desígnio [*design*] tem uma verossimilhança muito maior do que a de um mecanismo cego. Mas uma conjectura, fundada na analogia [como no caso do ateísmo], não lhe parecia uma base para apoiar uma teoria, em um estado maduro de inteligência humana. Ele considerava todo conhecimento real de um início [do universo] inacessível para nós, e a investigação sobre ele uma superação dos limites essenciais de nossas faculdades mentais. Até este ponto, no entanto, aqueles que aceitam sua teoria dos estágios progressivos da opinião não são obrigados a segui-lo. O modo Positivo de pensamento não é necessariamente uma negação do sobrenatural; apenas joga de volta esta questão para a origem de todas as coisas. Se o universo teve um começo, seu começo, pelas próprias condições do caso, foi sobrenatural; as leis da natureza não poderiam dar conta de sua própria origem. O filósofo Positivo é livre para formar sua opinião sobre o assunto, de acordo com o peso que atribui às analogias que são chamadas de “marcas do desígnio” e às tradições gerais da raça humana. O valor dessas evidências é de fato uma questão para a filosofia Positiva, mas não é uma questão sobre a qual os filósofos Positivos devam necessariamente concordar. É um dos erros de [14] M. Comte que ele nunca permite perguntas abertas. A Filosofia Positiva sustenta que dentro da ordem existente do universo, ou melhor, da parte dele conhecida por nós, a causa determinante direta de cada fenômeno não é sobrenatural, mas natural. É compatível com isso acreditar que o universo foi criado, e até mesmo que é continuamente governado, por uma Inteligência, desde que admitamos que o Governador inteligente adere a leis fixas, que são apenas modificadas ou neutralizadas por outras leis da mesma dispensação, e que [o universo] nunca se afasta de maneira caprichosa ou providencial [dessas leis]. Quem quer que considere todos os eventos como partes de uma ordem constante, cada um sendo o conseqüente invariável de alguma condição antecedente, ou combinação de condições, aceita plenamente o modo de pensamento Positivo: [e isso vale] se ele reconhece ou não um antecedente universal a partir do qual todo o sistema da natureza foi originalmente conseqüente, e se esse antecedente universal é concebido como uma Inteligência ou não.

Há um equívoco correspondente a ser corrigido a respeito do modo metafísico de pensamento. Ao repudiar a metafísica, M. Comte não se proibiu de analisar ou criticar qualquer uma das concepções abstratas da mente. Ele não ignorava (embora às vezes parecesse esquecer) que tal análise e crítica são uma parte necessária do processo científico e acompanham a mente científica em todas as suas operações. O que ele condenou foi o hábito de conceber essas abstrações mentais como entidades reais, que [16] poderiam exercer poder, produzir fenômenos e cuja enunciação poderia ser considerada uma teoria ou explicação dos fatos. É difícil os homens dos dias atuais acreditarem que uma noção tão absurda tenha sido realmente considerada, tão repugnante é aos hábitos mentais formados pelo longo e assíduo cultivo das ciências positivas. Mas essas ciências, por mais amplamente cultivadas, nunca formaram a base da educação

intelectual em qualquer sociedade. Tanto na filosofia quanto na religião, os homens se maravilham com o absurdo dos princípios de outras pessoas, ao passo que absurdos exatamente paralelos permanecem em suas próprias concepções, e o mesmo homem fica surpreso que as palavras [dos outros] possam ser confundidas com coisas, ao passo que trata outras palavras como se fossem coisas toda vez que abre a boca para discutir. Ninguém, a menos que seja inteiramente ignorante da história do pensamento, negará que a confusão de abstrações com realidades permeou a especulação durante toda a Antiguidade e a Idade Média. O erro foi generalizado e sistematizado nas famosas Ideias de Platão. Os aristotélicos continuaram com isso. Essências, quididades, virtudes que residem nas coisas, foram aceitas como uma explicação genuína de fenômenos. Não apenas qualidades abstratas, mas os nomes concretos de gêneros e espécies, foram confundidos com existências objetivas. Acreditava-se que havia Substâncias Gerais correspondentes a todas as classes familiares de coisas concretas: uma substância Homem, uma substância Árvore, uma substância Animal, os quais, e não os objetos individuais assim chamados, eram diretamente denotados por esses nomes. A existência real das Substâncias Universais [17] foi o problema em questão na famosa controvérsia da Idade Média tardia entre o Nominalismo e o Realismo, que é um dos pontos de inflexão na história do pensamento, sendo sua primeira luta para se emancipar do domínio das abstrações verbais. Os Realistas eram o partido mais forte, mas embora os Nominalistas por um tempo tenham sucumbido, a doutrina contra a qual se rebelaram caiu, após um curto intervalo, com o resto da filosofia escolástica. Mas enquanto as substâncias universais e as formas substanciais, sendo o tipo mais grosseiro de abstrações realizadas, foram as primeiras a serem descartadas, as Essências, Virtudes e Qualidades sobreviveram por muito tempo, e seriam pela primeira vez completamente expulsas da existência real pelos Cartesianos. Na concepção de ciência de Descartes, todos os fenômenos físicos deveriam ser explicados pela matéria e pelo movimento, isto é, não por abstrações, mas por leis físicas invariáveis; embora suas próprias explicações fossem muitas vezes hipotéticas e se revelassem errôneas. Muito depois dele, no entanto, entidades fictícias (como foram felizmente denominadas por Bentham) continuaram a ser imaginadas como meios de explicar os fenômenos mais misteriosos; acima de tudo na fisiologia, onde, sob grandes variedades de frases, *forças* e *princípios* misteriosos eram a explicação, ou substituto da explicação, do fenômeno de seres organizados. Para os filósofos modernos, essas ficções são apenas os nomes abstratos das classes de fenômenos que lhes correspondem; e é um dos enigmas da filosofia como a humanidade, depois de inventar um conjunto de [18] meros nomes para manter juntas certas combinações de ideias ou imagens, poderia ter esquecido seu próprio ato a ponto de investir essas criações de sua vontade com realidade objetiva, e confundir o nome de um fenômeno com sua causa eficiente. O que era um mistério do ponto de vista puramente dogmático, é esclarecido pelo histórico. Essas palavras abstratas são de fato agora meros nomes de fenômenos, mas não o eram em sua origem. Para nós, eles denotam apenas o fenômeno, porque deixamos de acreditar no que mais eles então designavam; e o emprego deles na explicação é para nós, evidentemente, como diz M. Comte, a reprodução ingênua do fenômeno como a razão de si mesmo: mas não era assim no início. O ponto de vista metafísico não era uma perversão do positivo, mas uma transformação do teológico. A mente humana, ao enquadrar uma classe de objetos, não partiu da noção de um nome, mas da noção de uma divindade. A realização de abstrações não era a encarnação de uma palavra, mas a desencarnação gradual de um Fetiche.

[...]